



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9589 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT09 - Trabalho e Educação

EDUCAÇÃO, VERDADE E SENSO COMUM EM TEMPOS DE MISÉRIA DO SABER

Helton Messini da Costa - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE

FEDERAL FLUMINENSE

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

EDUCAÇÃO, VERDADE E SENSO COMUM EM TEMPOS DE MISÉRIA DO SABER

Resumo: A presente pesquisa procurou discutir prática e teoricamente os fenômenos das chamadas *fake news*, do negacionismo científico e do revisionismo histórico, fenômenos que, em sua articulação contemporânea capitaneada sob o sensu comum, denominamos de “miséria do saber”. Buscou-se assim, analisar brevemente, a partir do método do materialismo histórico-dialético, os impactos promovidos pela “miséria do saber” para a prática educativa, considerando, o momento pandêmico que congregou uma amplificação dessa “miséria do saber”. Dispostos de tais análises e discussões, intencionou-se reafirmar a centralidade da categoria verdade, do saber sistematizado e da objetividade na produção e reprodução do conhecimento historicamente desenvolvido pelo conjunto da humanidade, em nossa acepção, antídotos impreteríveis a uma formação humana que se quer crítica e emancipadora.

Palavras-chave: educação; verdade; miséria do saber

“A impossibilidade de penetrar o esquema divino do Universo não pode, contudo, dissuadir-nos de planejar esquemas humanos, mesmo sabendo que eles são provisórios” [Jorge Luis Borges].

Para a discussão que propomos, interessa-nos compreender as relações entre senso comum, verdade e saber elaborado, “[...] não se trata, pois, de qualquer tipo de saber” (SAVIANI, 2013, p 14), mas, “[...] diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo: ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado” (*Ibid.*, *Ibidem.*). Referimo-nos, desse modo, ao saber que Gramsci (1999) opõe ao senso comum e a religião, isto é, uma filosofia que se apresente como uma “autoconsciência crítica” (*Ibid.*, p. 104), como “[...] a crítica e a superação da religião e do senso comum” (*Ibid.*, p. 96). Da mesma forma, não se trata do saber em uma sociedade genérica e abstrata, mas sim, da sociedade dominada pelas relações capitalistas de produção, em sua fase neoliberal de acumulação que como tal, perpassa todas as nossas relações sociais, políticas e culturais.

Interessa-nos, ainda, perscrutar uma discussão a respeito da verdade na perspectiva da produção, apropriação e difusão desse saber elaborado. Conforme apontam Marx e Engels (2007), trata-se de compreender a questão da verdade na *práxis* social objetiva, pois, “É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza interior, seu pensamento” (MARX; ENGELS, 2007, p. 533), em nosso caso, na particularidade da *práxis* educativa, que diz respeito às formas de produção e reprodução do

conhecimento historicamente desenvolvido pelo conjunto da humanidade, que tem na educação escolar seu *locus* privilegiado. Portanto, não nos referimos a ideia de uma verdade absoluta – “[...] tão problemática quanto seu oposto, a suposição de que não existe nenhuma verdade” (FONTES, p. 184-185) – mas sim, a um caráter provisório e universal da verdade, um processo histórico constantemente tencionado pelas contradições que emanam do cotidiano, passível de aproximações que, no entanto, são intermináveis.

Partindo dessas considerações, inferimos que a crise econômica, política, social, sanitária, ecológica, estética e ética que se manifesta na pandemia da COVID-19 escancarou o fenômeno das *fake news* e, da mesma forma, amplificou o negacionismo científico, bem como, a negação da verdade e a circulação de ideias fascizantes. A amplitude do fenômeno, no entanto, confirma o longo lastro de sua origem e sua incidência no Brasil e em várias partes do mundo, assim fora, por exemplo, as eleições presidências no Brasil em 2018 e nos Estados Unidos em 2016 (ALMEIDA, 2019). Da mesma forma, o desenvolvimento do movimento Escola Sem Partido e sua aderência na sociedade brasileira não podem ser explicados sem atentarmos para a contribuição oferecida pela difusão de teorias conspiratórias e *fake news*. Tampouco, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff em 2016, as manifestações das chamadas “jornadas de junho” em 2013, além de outros fenômenos recentes da história brasileira escapam de uma análise mais robusta sem avaliarmos o contexto de negação e relativização da verdade. Frente a esses sintomas, os quais chamaremos aqui de “miséria do saber”, expressos nos mais variados âmbitos das relações econômicas, políticas e sociais e, não obstante, considerando o negacionismo científico, as *fake news* e o revisionismo histórico enquanto um método político, como podemos orientar a educação afirmando o papel do conhecimento objetivo, da verdade e da ciência para o conjunto da humanidade?

Tendo em conta os apontamentos suscitados procuramos empreender um exercício de reflexão, partindo dos pressupostos teóricos-metodológicos – da *práxis* – do materialismo histórico-dialético, que contribua, como afirma o poeta Borges, ao “planejamento dos esquemas humanos” ainda que provisórios. Entendemos que a educação e a educação escolar não podem se furtar ao entendimento de que:

[...] a natureza humana não é dada ao indivíduo humano com seu nascimento, mas é produzida pelos próprios homens sobre a base da natureza biofísica, razão pela qual o trabalho educativo consiste no ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2019, p. 41).

Assim, à educação, e sobretudo à educação escolar, compete os objetivos de “[...] identificação dos elementos naturais e culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, concomitantemente, a descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo” (*Ibid., Ibidem.*), um complexo social intermitente e nunca finalizado, como observa Lukács (2013, p. 176): “[...] a problemática da educação remete ao problema sobre o qual está fundada: sua essência consiste em influenciar os homens no sentido de reagirem a novas alternativas de vida do modo socialmente intencionado”.

Todavia, consubstanciado pela “miséria do saber” o fenômeno educacional equipara-se ao senso comum, promovendo um saber fragmentado, aligeirado, acrítico e a-histórico. Para Gramsci (1999), o senso comum, embora portador dos sentimentos e das necessidades mais íntimas dos subalternos apresenta-se, via de regra, como um pensamento desagregado e fragmentado, portador de uma concepção mágica de mundo. Neste sentido, senso comum e religião “[...] não podem constituir uma ordem intelectual porque não podem reduzir-se à unidade e à coerência nem mesmo na consciência individual, para não falar na consciência

coletiva” (GRAMSCI, 1999, p. 96). Ou seja, o senso comum que se manifesta primordialmente na opinião – relativa em absoluto – e a religião – detentora da verdade absoluta – encontra-se impossibilitado de conceber uma concepção de mundo coerente, que articule as condições concretas, reais e objetivas dos seres sociais, pois partem de bases cujos núcleos não podem ser explicados e, como destaca Fontes (2016, p. 184) “Toda e qualquer forma de manifestação do pensamento cujo núcleo não possa ser explicado, dependendo pois de uma adesão incondicional (crença, não passível de discussão), tende ao absoluto”.

As observações são pertinentes, pois, as *fake news*, os negacionismos e revisionismos propagam-se prioritariamente na sociedade por meio do senso comum – da opinião – e da religião, ampliado sobremaneira pela expansão das mensagens promovidas por meios eletrônicos. A título de exemplo, no contexto que permeia a vacinação contra a COVID-19, uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), publicada em setembro de 2020, apresentou que 25% da população brasileira não pretendia se vacinar (JORNAL DA UNICAMP, 2020). Entre os principais motivos encontravam-se:

Receio de tomar a vacina e se contaminar com o novo coronavírus; A vacina pode causar outras doenças, como autismo; Bill Gates teria dito que a vacina pode matar cerca de 700 mil pessoas; A vacina da Covid-19 contém chips implantados para controle populacional; A vacina poderia alterar o DNA; as vacinas são produzidas a partir de células de fetos abortados; (JORNAL DA UNICAMP, 2020, s.p.).

São opiniões consubstanciadas pelo senso comum que circulam nas redes sociais e que buscam equiparar-se às informações oriundas de pesquisas científicas. Sua aderência na sociedade revela, senão, o grau de mistificação que subjaz a concepção de mundo capitaneada pela sociabilidade do capital. Em outro exemplo, uma investigação do Ministério Público Federal (MPF) aponta que: “[...] o pastor evangélico Valdemiro Santiago e a Igreja Mundial do Poder [...] espalharam uma série de vídeos nos quais o religioso anunciava a venda de sementes de feijão com a falsa promessa de que, se cultivadas, elas curariam a covid-19” (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020, s. p.).

Aqui, a religião, por portar uma explicação absoluta e universal do mundo, dispensa qualquer ligação com a ciência ou com a história. Ela não precisa de evidências pairando acima do saber historicamente elaborado pela humanidade, integrando-se, assim, às formas engendradas de dominação burguesa, por arrastar as contradições sociais para uma esfera externa ao ser social.

O que, em última instância, é fundamental à educação e a escola: esse senso comum ou o conhecimento objetivo? A provocação que desponta impele-nos a interrogar se o saber privado e fragmentado preconizado pela Igreja em questão, bem como, as opiniões a respeito da vacinação contra a COVID-19, que circulam junto ao senso comum equiparam-se ao saber elaborado que resultou – ainda que constrangido pelo valor – na produção de imunizantes para a supressão de uma pandemia que vitimizara até junho de 2021 milhões de pessoas? Se a resposta a tal questão for sim, então, a educação, em geral e a educação escolar, em particular perdera completamente seu sentido de existência, pois, qualquer outro saber propalado por quaisquer grupos ou instituições poderiam cumprir seus requisitos. Todavia, caso a resposta seja negativa, então caminhamos para uma definição de verdade, ainda que, esquemas humanos provisórios.

Na contramão da “miséria do saber”, síntese desse senso comum, a ciência, saber historicamente elaborado, permitiu-nos ir além das aparências dos fenômenos. Permitiu-nos ainda, o desenvolvimento de complexos cada vez mais complexos do ser social e, conseqüentemente, seu afastamento das barreiras naturais (LUKÁCS, 2013), isto é, a humanização cada vez maior do ser humano. No entanto, apesar de gozar de autonomia

relativa (LUKÁCS, 2013; JAPIASSU, 1984), na moderna sociedade burguesa a ciência constituir-se-á, por um lado, “[...] de um projeto crítico e libertário [...], de um espírito de independência [...] a objeto de um controle (JAPIASSU, 1984, p. 181) e por outro, do positivismo absolutista e com ele a crença na neutralidade a um discurso relativo sobre o mundo (JAPIASSU, 1984) que, mais tarde irá repercutir em um conhecimento equivalente a qualquer outra forma de compreender ou descrever o mundo.

Cerrada sob a intersecção de duas encruzilhadas, devidamente articuladas em benefício da naturalização capitalista, o saber científico que emerge na conjuntura da maior crise epidemiológica vivenciada pela humanidade desde a gripe espanhola do início do século XX, torna-se centro de novos debates que tendem a visitar a razão, a verdade e a objetividade.

Nesta direção, expressamos a emergência da produção do saber científico em tempos de “miséria do saber”, procurando asseverar o proveito da razão objetiva e da verdade sob os pressupostos do método do materialismo histórico e dialético. Em síntese, tal como Brecht (s.d), inferimos na afirmação de um saber científico que persiga incessantemente a máxima de “pôr um limite ao erro infinito” e que, da mesma forma, compreenda, como Bachelard (1996), que: “A experiência científica é portanto uma experiência que contradiz a experiência comum” (BACHELARD, 1996, p. 14), mesmo porque, como observou Marx (1996, p. 271) “[...] toda ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente”.

A guisa de conclusões preliminares, a partir dos elementos aqui discutidos reafirmamos a centralidade da objetividade, da categoria verdade, do rigor teórico e do exercício do método que, consciente de sua posição de classe, compreende que sob os auspícios do capital, nenhum saber é neutro e nenhum conhecimento é descompromissado. Assim, compete a educação e a escola o incessante e inequívoco desafio de impulsão do saber sistematizado em face à teorias que pairam na aparência dos fenômenos e enrijecem a potencialidade da crítica ao não possibilitarem o pleno acesso ao saber sistematizado, negando aos indivíduos o exercício da apreensão da totalidade das circunstâncias que envolvem e, no limite, determinam sua existência, arrastando o potencial criador do humano, quando muito, para projetos emancipatórios “guetizados”.

Referências

ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Revista Novos estudos*. CEBRAP - SÃO PAULO. v. 38, n.01 jan.–abr. 2019.

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

FONTES, V. História e verdade. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). *Teoria e educação no labirinto do capital*. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Introdução ao estudo da filosofia; a filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

JAPIASSU, H. *A revolução científica moderna*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

JORNAL DA UNICAMP. Desmentindo as fake news sobre vacinas. 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/luiz-carlos-dias/desmentindo-fake-news-sobre-vacinas>>. Acesso em 07 jan. 2021.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social 2*. Tradução de Nélio Schneider, Ivo Tonet e Ronaldo Vielmi Fortes. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. Tradução de Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. MPF quer que pastor Valdemiro Santiago pague indenização por anúncio de falsa cura da covid-19. 2020. Disponível em: <<http://www.mpf.mp.br/sp/sala-de-imprensa/noticias-sp/mpf-quer-que-pastor-valdemiro-santiago-pague-indenizacao-por-anuncio-de-falsa-cura-da-covid-19>>. Acesso em 07 jan. 2021.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações*. Campinas, SP: Autores associados, 2019.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.